



Crônica da Cidade

ISABELA BERROGAIN | isabelaberrogain.df@cbnet.com.br

Adeus e obrigada

Há cerca de um mês, escrevi uma matéria para o **Correio** sobre o encerramento das atividades do Calaf. Inicialmente, nem fui a repórter pautada para tal missão, mas, assim que soube da notícia, fiz questão de tomar a frente do texto. Isso porque, apesar de ter frequentado o espaço pelo que pode ser considerado um curto período de tempo, de 2016 a 2020, a impressão que tenho é que o local marcou todo o início da minha vida adulta.

Ao saber do fechamento definitivo do Calaf, fui comunicar meus amigos da notícia, e acabamos compartilhando muitas memórias de dias e noites que passamos por lá — uma das minhas companheiras 'calafeiras', Natália,

chegou a dizer que, por alguns anos, tudo era sobre o Calaf para nosso grupo. É verdade. Filha de mãe superprotetora, eu, por exemplo, podia frequentar o local com muito mais tranquilidade do que outras casas de festa da cidade. Então, batia ponto lá, de quinta a domingo.

Conhecido de qualquer um que mora em Brasília desde as décadas de 1990 ou 2000, o Calaf fez do Setor Comercial Sul um dos principais pontos da vida cultural da cidade por mais de 30 anos. Lá, era possível encontrar as mais diferentes tribos, e gente de quase todas as gerações. Digo isso com propriedade, já que eu mesma vivi a magia do lugar acompanhada das minhas irmãs, que, aos 30 e 40 anos, haviam frequentado o espaço inúmeras vezes mais que eu, com mães de amigos meus, já na casa dos 60, e também com calouros de faculdade, poucos meses após completarem os 18.

Dos tradicionais sambas de terça-feira às festas universitárias das quintas e eventos sazonais voltados para o público roqueiro, o local sempre funcionava sob capacidade máxima — lembro de passar horas em filas imensas que ocupavam as ruas do SCS. Muito além da trilha sonora, a diversidade era o que tornava a casa especial, plural e democrática. Para mim, era quase como um ponto turístico: se algum amigo meu de outra cidade vinha a Brasília, precisava conhecer o Beirute, o Pontão do Lago Sul e o Calaf.

A derrocada, no entanto, veio durante a pandemia, assim como a de tantos outros espaços culturais ao redor do Brasil que sofreram com a má gestão do governo diante de uma crise global. Durante os primeiros meses de lockdown, a família de Venceslau Calaf, responsável pela casa, tentou manter integralmente os salários dos funcionários que eram colaboradores há anos, ao mesmo

tempo em que cumpria as medidas de distanciamento previstas pela Organização Mundial da Saúde.

Rapidamente, porém, a conta não fechava mais. As dívidas se acumularam e, quando houve a flexibilização da pandemia, já era tarde demais. Outros lugares ganharam espaço nas noites de Brasília e o movimento naquele ponto tão popular já não era mais o mesmo. Em meio à ausência de políticas públicas para o setor, o Calaf tentou resistir até o fim.

O encerramento das atividades foi motivo de comoção geral, unida a uma realização coletiva de que o quadrado em que moramos está longe de ser um exemplo de cidade cultural, o que torna as despedidas de lugares como esse ainda mais melancólicas. Citando Priscila, filha de Venceslau, em artigo escrito para o **Correio**: o Calaf foi "mais um palco do Distrito Federal que se cala, mais um espaço de resistência cultural

que deixará de existir na capital de todos os brasileiros e brasileiras".

O 7naRoda, parte central da história do Calaf desde 2007, já encontrou uma nova casa para os sambas semanais. A Infinito Comunidade Criativa, que começou em 2020 e foi um respiro necessário para a cena cultural brasiliense, agora abriga a conhecida Melhor Terça do Mundo. Quanto ao Calaf, os burburinhos que correm pela cidade são que o ponto já tem um novo dono.

A impressão que fica, no entanto, é que nada será igual a antes, nem o espaço que foi xodó de inúmeros brasilienses por tantos anos, nem as rodas de samba de terça. O que nos resta, agora, é torcer para que o novo empreendimento consiga manter o legado deixado pelo sonho da família de Venceslau, se tornando mais um capítulo marcante na história da cidade. A cultura do DF precisa resistir, e o show tem que continuar.

TRIBUTOS / Foram 21 mandados de busca e apreensão no DF e em Goiás em uma megaoperação conjunta entre PCDF e Receita. Empresários atuavam por quase duas décadas com sonegação de impostos e lavagem de dinheiro

Atacadistas deixam rombo de R\$ 74 milhões

» PABLO GIOVANNI

Um grupo de empresários atacadistas foi alvo da megaoperação Cattedra, deflagrada pela Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), em conjunto com a Receita da Secretaria de Economia (Seec), ontem. De acordo com a polícia, o objetivo é combater crimes de organização criminosos, sonegação fiscal, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro.

As investigações iniciaram-se no ano passado, quando foi descoberta uma rede de empresários dedicada à sonegação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) que atuava no comércio de móveis e

eletrodomésticos na capital federal e em Goiás desde 1997. A dívida tributária acumulada pelas empresas, que são geridas por pessoas da mesma família, ultrapassa R\$ 74 milhões.

Os alvos da operação conjunta de ontem mantinham empresas em Sobradinho, Planaltina, Paranoá e São Sebastião, sonegando a totalidade do ICMS devido em decorrência das vendas de produtos. Quando as dívidas fiscais se acumulavam, os envolvidos abriam novas empresas, muitas vezes no mesmo endereço e segmento de mercado, com um novo CNPJ, abandonando as antigas com as dívidas pendentes.

Ao longo das investigações, a polícia e a Receita conseguiram

descobrir que essas empresas eram registradas em nome de "laranjas", incluindo funcionários, para evitar a responsabilização pelos débitos tributários.

Fraude fiscal

O grupo também teria criado falsos atacadistas, beneficiários da Lei Distrital 5.005/2012, que forneciam mercadorias para outras empresas do próprio esquema, configurando fraude no uso de benefícios fiscais. Além disso, os investigadores identificaram a criação de holdings para proteger o patrimônio adquirido de forma ilícita, registrando diversos imóveis em nome dessas entidades "laranjas".

PCDF/Divulgação



Operação Cattedra atua contra grupo de empresários acusados de sonegação fiscal no DF e em Goiás

A operação envolveu cerca de 100 policiais civis, sob a coordenação do Departamento de Combate à Corrupção e ao Crime Organizado (DOT/Decor), além de auditores da Receita do DF e agentes da Polícia Civil do Estado de Goiás (PCGO).

Ao todo, 21 mandados de busca e apreensão foram cumpridos em Sobradinho, Planaltina e Anápolis (GO).

Os suspeitos estão sendo investigados pelos crimes de organização criminosos, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal e

falsidade ideológica. Se condenados, as penas podem chegar a 26 anos de prisão.

O nome da operação, Cattedra, faz referência a uma cadeira com encosto, comum na Roma Antiga (500 a.C. – 476 d.C.), geralmente utilizada por anciãos.

ESTELIONATO



Buscas da PCDF foram feitas em endereços ligados ao acusado, ontem

Juízes enganados por falso corretor

» DARCIANNE DIOGO

Um grupo de juízes recém-nomeados do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) caiu em um golpe planejado por um falso corretor de imóveis. O suspeito, identificado como Victor Rodrigues de Menezes, se passava por vendedor de imóveis de alto padrão na capital e chegou a lucrar mais de R\$ 135 mil. Ontem, policiais civis da 5ª Delegacia de Polícia (área central) cumpriram três mandados de busca e apreensão em dois endereços ligados ao investigado.

O falso corretor divulgava o trabalho nas redes sociais e usava uma plataforma on-line de locação de imóveis para cooptar vítimas, principalmente pessoas com alto poder

aquisitivo. Segundo a Polícia Civil (PCDF), o autor agia de forma semelhante em todos os casos, de um modo sofisticado para despistar. Por meio dessa plataforma, ele abordava os clientes e oferecia imóveis de luxo no Setor de Clubes Esportivos Sul.

Os imóveis eram atrativos e os aluguéis, com valor abaixo do mercado, variavam entre R\$ 4,7 mil e R\$ 5,5 mil. Para dar uma aparência de legitimidade, os contratos eram assinados de forma eletrônica e encaminhados aos compradores. Com o documento assinado, o falso corretor exigia o pagamento antecipado via PIX. Após o valor ser pago, ele ainda mantinha conversas com as vítimas, dando detalhes dos imóveis e a data de entrada no apartamento.

Imóveis ocupados

O delegado à frente do caso, Rafael Catunda, explica que a farsa só era descoberta depois que os futuros inquilinos marcavam de conhecer o imóvel e, ao chegar no local, se deparavam com outros moradores. Em alguns casos, as vítimas eram informadas que os imóveis nunca foram administrados por Victor.

Após descobrirem que haviam caído em um golpe, as vítimas tentavam entrar em contato com o acusado, mas eram ignoradas ou bloqueadas das redes sociais. A estratégia consistia ainda em sumir dos aplicativos e até trocar informações bancárias.

Entre agosto de 2023 até o momento, a polícia tomou conhecimento sobre 23 ocorrências

registradas contra Victor. Os juízes lesados pelo golpe tentavam alugar imóveis em Brasília durante a estadia para o Curso de Formação Inicial da Magistratura do Trabalho.

A empresa usada para aplicar os golpes era a VM Inteligência Imobiliária. Durante as diligências, foi solicitado o bloqueio de R\$ 266 mil para garantir o ressarcimento das vítimas.

O **Correio** tenta contato com a defesa de Victor Rodrigues de Menezes. O espaço segue aberto para manifestações. Durante a operação, a polícia apreendeu celulares e computadores nas casas do acusado e de um funcionário da imobiliária, bem como na própria empresa. Os materiais serão analisados pela perícia.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 5 de setembro de 2024

» Campo da Esperança

Abrão Lincoln Passos, 71 anos
Asclenira Alves da Silva, 64 anos
Christiano Alves Ferreira dos Santos, 57 anos
Delzuita Barbosa Damaceno, 81 anos
Joaquim Barbosa da Silva, 94 anos
José Aparecido Valeriano, 62 anos
Marcela Fagundes Souto

Maiores Lima, 45 anos
Maria Rosa da Silva Macedo, 74 anos
Mirian Nunes Isidorio, 89 anos
Ozeas de Oliveira Barros, 88 anos
Paulo Walter de Carvalho Pereira, 97 anos
Therézinha Siqueira de Lemos, 87 anos
Valdomiro Barbosa da Silva, 97 anos

» Taguatinga

Adauto Alves de Sousa, 78 anos
Ana Maria Pereira da Cruz, 63 anos
Arenaldo José de Sousa, 63 anos
Carlos Silva de Oliveira, 57 anos
Hildebrando Brasilino Correa Dutra, 75 anos
Isael Felipe Marques, 33 anos

José da Silva, 59 anos
José Maurício Paixão, 83 anos
Josias Bezerra de Moura, 83 anos
Lucas Araújo da Costa, 39 anos
Luciana Barbosa Silva, 91 anos
Marcos Paulo Alcântara da Silva, 40 anos
Maria do Carmo Tavares Barbosa, 82 anos
Nicolas Azevedo Filgueira, 5 anos

Rosa Ferreira da Silva, 90 anos
Vanda Bezerra Lins, 66 anos

» Gama

Noah Victor Moura Amorim, menos de 1 ano
Paulo Roberto de Pádua, 68 anos
Rony Galvão Queiroz, 42 anos
Planaltina
Luiza Ozete Bomfim Lima, 85 anos
Lyrla Karyluellen Medeiros Souza da Silva, 23 anos

Wilson Barbosa de Andrade, 74 anos

» Sobradinho

José Antônio Rodrigues, 95 anos
Jardim Metropolitan
Norbélia Luiza de Oliveira, 58 anos
Johny Freitas dos Santos, menos de 1 ano
Guimar Borges da Cruz, 80 anos
Maura Batista da Silva Siqueira, 72 anos